

# GUIMARÃES ROSA E A MEDICINA

*Luiz Otávio Savassi Rocha\**

## RESUMO

Guimarães Rosa ingressou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (hoje Faculdade de Medicina da UFMG) com 17 anos incompletos. Em 1926, quando cursava o 2º ano, pronunciou, no anfiteatro da Faculdade, diante do ataúde de um estudante vitimado pela febre amarela, as palavras “As pessoas não morrem, ficam encantadas”, que, ouvidas na ocasião por seus colegas Alysson de Abreu e Ismael de Faria, seriam repetidas, 41 anos depois, quando de sua posse na Academia Brasileira de Letras. Graduiu-se em 1930 e, escolhido orador da turma, chamou a atenção dos doutorandos para a necessidade de uma prática médica impregnada de humanismo. Recém-formado, clinicou, durante cerca de um ano e meio, em Itaguara; em abril de 1933, após ter participado, como médico voluntário da Força Pública, da Revolução Constitucionalista, transferiu-se para Barbacena, na condição de Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria. Em Barbacena, concluiu que deveria abandonar a Medicina, deixando clara sua intenção em carta datada de 20/3/1934, enviada ao amigo Pedro Moreira Barbosa: “Não nasci para isso, penso. Não é esta, digo como dizia Don Juan, sempre ‘*après avoir couché avec*’”. Mas, mesmo abraçando a carreira diplomática – prestou concurso para o Itamaraty em meados de 1934 –, abordou, com maestria, em sua obra literária, temas médicos como a malária (“Sarapalha”), a doença mental (“Soroco, sua mãe, sua filha”), o acidente ofídico (“Bicho mau”) e a miopia (“Campo geral”). Como costuma acontecer com os tabagistas inveterados – máxime se sedentários e de índole emotiva –, morreu subitamente em 19/11/1967. É verdade que, dez anos antes, em carta endereçada a Paulo Dantas, admitira ter parado de fumar, “desafiando a fome-e-sede tabágica das pobrezinhas das células cerebrais”; não obstante, em 1966, ao receber do governador Israel Pinheiro a Medalha da Inconfidência, segurava um cigarro com a mão esquerda.

**Palavras-chave:** Medicina; Humanismo; Psicopatologia; Tabagismo; Guimarães Rosa.

Nascido em Cordisburgo (MG), em 1908, João Guimarães Rosa ingressou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (hoje Faculdade de Medicina da UFMG) com 17 anos incompletos. Em 1926, quando cursava o 2º ano, pronunciou, no anfiteatro da Faculdade, diante do ataúde de um estudante vi-

\* Universidade Federal de Minas Gerais. Autor de *João Guimarães Rosa* (Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1981)

timado pela febre amarela, as palavras “As pessoas não morrem, ficam encantadas”, que, ouvidas na ocasião por seus colegas Alysso de Abreu e Ismael de Faria, seriam repetidas, 41 anos depois, quando de sua posse na Academia Brasileira de Letras. Graduou-se em 1930 e, escolhido orador da turma – cujo paraninfo foi o Prof. Samuel Libânio –, chamou a atenção dos doutorandos para a necessidade de uma prática médica que privilegiasse o calor humano, como bem ilustra o trecho que a seguir se reproduz:<sup>1</sup>

De distinto médico patricio contam que, achando-se moribundo, gostava que os companheiros o abanassem. E a um deles, que se oferecera trazer-lhe moderníssimo ventilador elétrico, capaz de renovar-lhe continuamente o ar do aposento, respondeu, admirável no esoterismo profissional e sublime na intuição de curador: – “Obrigado; o que me alivia e conforta, não é o melhor arejamento do quarto, mas sim a solícita solidariedade dos meus amigos...”

No Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG, criado, em 1979, pelo Prof. João Amílcar Salgado, encontra-se em exposição uma cópia, em tamanho reduzido, do quadro de formatura da turma de 1930. Chama a atenção a legenda, em latim – *Fac quod in te est* –, extraída da **Imitação de Cristo** (livro I, capítulo VII), obra do século XV, inspirada na Bíblia, e a reprodução de uma famosa tela do pintor holandês Rembrandt van Rijn – **A lição de Anatomia do Dr. Tulp**, datada de 1632. Além dos 36 doutorandos, vêem-se também, no referido quadro, os professores homenageados, o paraninfo, o diretor da Faculdade (Prof. Alfredo Balena) e o austero reitor da recém-fundada Universidade de Minas Gerais, Prof. Francisco Mendes Pimentel, que acabara de deixar o cargo após ter assumido posição contrária à “promoção por decreto” recomendada por Getúlio Vargas – chefe do Governo Provisório –, por considerá-la “imoral e arbitrária”.

Recém-formado, Guimarães Rosa clinicou, durante cerca de um ano e meio, na pequena Itaguara, então distrito de Itaúna (MG). Suas prescrições – a julgar pelas poucas a que se teve acesso – revelam um cuidado muito grande para com os pacientes e testemunham o costume, ainda vigente nos anos 30, de se lhes receitar lavagens intestinais e purgativos (elatério, ruibarbo etc.), numa espécie de ressonância, dezoito séculos depois, de uma prática que foi divulgada sobretudo por Galeno, e que, a exemplo das sangrias, inspirava-se na teoria dos quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra), cujo desequilíbrio estaria na origem das doenças.

Em Itaguara, o jovem médico fez questão de conviver harmoniosamente com raizeiros e receitadores, a ponto de se tornar grande amigo de um deles, de nome Manoel Rodrigues de Carvalho (seu Nequinha), que morava num grotão enfur-

---

<sup>1</sup> O discurso do doutorando João Guimarães Rosa – “Sob o foco das lanternas evocadoras” – foi publicado no jornal *Minas Geraes*, órgão da Imprensa Oficial do Estado, em sua edição de 22 e 23 de dezembro de 1930.

nado entre morros, num lugar conhecido por Sarandi. Kardecista, seu Nequinha parece ter inspirado a criação do personagem Compadre Quelemém, espécie de oráculo sertanejo em **Grande sertão: veredas**. Segundo o Prof. Paulo Rónai (comunicação pessoal), Quelemém é a transcrição exata do nome próprio *Kelemen*, forma húngara do antropônimo Clemente (do latim *clemens*, *-entis*). Como se vê, o nome faz jus ao personagem: “Homem de mansa lei, coração tão branco e grosso de bom, que mesmo pessoa muito alegre ou muito triste gosta de poder conversar com ele”. (Rosa, 1972, p. 47)

No livro **A messe de um decênio**, datado de 1932, no qual relata “algumas observações clínico-cirúrgicas em dez anos de atividade profissional”, o autor, Dr. A. A. de Lima Coutinho, médico em Itaúna, faz menção, no último capítulo (“Inexplicável trajeto de uma bala”), ao caso de uma mulher que, sob suspeita de infidelidade conjugal, fora alvejada pelo marido, tendo a bala, após atravessar o fundo de uma bacia carregada pela vítima, atingido o abdome (ferimento circular, medindo cerca de 5 mm de diâmetro, localizado na linha mediana, quatro a cinco dedos transversos acima do púbis). A mulher foi socorrida pelo Dr. Guimarães Rosa, que se valeu de um caminhão para o transporte, na expectativa de proporcionar-lhe assistência em local melhor provido de recursos. Nas palavras do próprio Dr. Lima Coutinho:

No caminhão deparei um quadro impressionante, que profundamente me emocionou. Num colchão estava estendida a mulher que gemia, cercada pelas filhinas que soluçavam, ante o infortúnio a que se viam atiradas, não compreendendo o sentido daquela tragédia de que foram testemunhas e cujas conseqüências mais de perto lhes atingiriam, levando, talvez, a mãe ao túmulo enodoada, e o pai ao cárcere, acabrunhado com essa fatalidade do seu destino. (Coutinho, 1932, p. 127-128)

Levada ao hospital, a paciente foi submetida, sob anestesia clorofórmica, a uma laparotomia exploradora, verificando-se, não sem surpresa, que o projétil não penetrara na cavidade abdominal, visto que todos os órgãos nela contidos estavam íntegros e nem uma gota de sangue derramado ali se encontrasse. Optou-se, então, por dar por encerrada a intervenção, ficando caracterizada, de acordo com o jargão médico, uma “laparotomia branca”. No dia seguinte, indo a enfermeira colocar um coxim pneumático sob as nádegas da operada, chamou-lhe a atenção o ter sujado o dedo de sangue ao passar as mãos sob suas coxas. Chamado para reavaliar a paciente, o Dr. Lima Coutinho constatou, perplexo, que na parte posterior da coxa esquerda, na altura da prega glútea, estava o orifício de saída do projétil, de forma irregular, um pouco maior que o de entrada...

Fatos como o acima relatado devem ter ensinado ao futuro escritor que a realidade costuma ser mais estranha do que a própria ficção. A propósito, seu fascinante personagem Riobaldo Tatarana, de tanto deparar-se com o insólito, exclama-

ria, anos depois: “Ave, vi de tudo, neste mundo! Já vi até cavalo com soluço... – o que é a coisa mais custosa que há”. (Rosa, 1972, p. 14)

Em abril de 1933, após ter participado, como médico voluntário da Força Pública, da Revolução Constitucionalista, Guimarães Rosa transferiu-se para Barbacena, na condição de Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria. Naquela cidade da Mantiqueira, concluiu que deveria abandonar a Medicina e abraçar a carreira diplomática, deixando clara sua intenção em carta datada de 20 de março de 1934, enviada ao amigo Pedro Moreira Barbosa, destacando-se o trecho que se segue, reproduzido por Mário Palmério em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras:

Não nasci para isso, penso. Não é esta, digo como dizia Don Juan, sempre “*après avoir couché avec...*” Primeiramente, repugna-me qualquer trabalho material – só posso agir satisfeito no terreno das teorias, dos textos, do raciocínio puro, dos subjetivismos. Sou um jogador de xadrez – nunca pude, por exemplo, com o bilhar ou com o futebol... (Palmério, 1973, p. 156-157)

Paralelamente ao exercício da Diplomacia – prestou concurso para o Itamaraty em meados de 1934 –, Guimarães Rosa dedicou-se, de corpo e alma, à Literatura, convertendo-se, com sua prosa-poética (“prosoema”), marcada pelo jogo dialético, no mais criativo escritor da língua portuguesa. Em sua obra literária abordou, com maestria, temas médicos como a malária (“Sarapalha”), a doença mental (“Soroco, sua mãe, sua filha”), o acidente ofídico (“Bicho mau”) e, a partir de sua própria vivência, a miopia (“Campo geral”); mas, sobretudo, com invulgar sensibilidade, procurou perscrutar os mistérios da alma humana, em busca da verdade última do ser, sem perder de vista que “A gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde” (Rosa, 1972, p. 256). Ademais, imbuído de profunda empatia, soube devolver a voz aos marginalizados e desvalidos – representados por mendigos, andarilhos, jagunços, místicos, ciganos, visionários, cegos, aleijados, prostitutas, hansenianos e excêntricos em geral –, redimindo-os com a força arrebatadora de sua linguagem.

Dentre os personagens rosianos que se sobressaem pela excentricidade, avulta, com grande força expressiva, na novela “Buriti” (*Noites do sertão*), a figura do Chefe Zequiél, espécie de decodificador dos ruídos da noite, visto que, “por erro de ser”, ele “escuta o que para ouvido de gente não é” (Rosa, 1969, p. 106), a ponto de ouvir até “as minhocas dentro da terra” (Rosa, 1969, p. 91). Incapaz de suprimir o excesso de estímulos que congestionam o seu cérebro, o Chefe não conhece o silêncio e paga um pesado tributo, desenvolvendo um quadro de *paranóia* – um transtorno delirante persistente, de caráter persecutório, marcado pelo medo e por pressentimentos catastróficos, assim resumido pelo narrador: “Zequiel, você foi ouvir, agora teme!” (Rosa, 1969, p. 115). Em que pesem alguns pontos de contato com a esquizofrenia, a

*paranóia* (do grego *para* – ao lado, *nous* – mente) caracteriza-se, geralmente, pelo aparecimento mais tardio, pela não desorganização do pensamento, pelo conjunto da personalidade razoavelmente intacto, pela afetividade não embotada e pela evolução não deteriorante.<sup>2</sup> Parece ser o caso do Chefe, pois “Afora a mania do inimigo por existir”, ele era “cordo, regado como poucas pessoas de bom juízo” (Rosa, 1969, p. 124). Isso posto, surge a pergunta: será possível vincular o modo de estar-no-mundo desse estranho personagem àquele de seu criador, na medida em que o primeiro vivia como se “tivesse descoberto alguma matéria enorme de conteúdo e significação, e que não coubesse toda em sua fraca cabeça” (Rosa, 1969, p. 181) e o segundo confessava, de forma iterativa, rezar o tempo todo para não cair na loucura? Com efeito: os grandes artistas são seres hipersensíveis e, por conseguinte, estão particularmente sujeitos a abocanhar mais do que podem mastigar e digerir, arcando com as inevitáveis conseqüências. Falta-lhes, segundo Otto Rank (*apud* Becker), a capacidade, compartilhada pelos indivíduos “bem ajustados”, de “parcialização” da experiência (Becker, 1976, p. 207). Vivendo “nos domínios do demasiado”, para usar expressão de sua própria lavra (Rosa, 1968, p. 125), e cultivando, como assinalou Davi Arrigucci Jr., uma “visão hiperbólica” da realidade<sup>3</sup> (Arrigucci Jr., 1979, p. 132), o autor de **Grande sertão: veredas** pagou também o seu preço, a julgar, por exemplo, pelo impressionante episódio relatado por seu amigo Paulo Dantas, de modo a deixar claro que não se é um Guimarães Rosa impunemente:

Outra tarde, cheguei ao Itamarati e sua sala, sala das nossas falas, estava vazia. Rosa, feito um beato manso, carregando uma imensa cruz, pervagava pelos corredores. Cantava, debulhando um imenso terço pardo. Estava completamente fora de si. Chorava e rezava. Cheio de humildade e pena de si mesmo. Respeitei o transe do amigo. Acenei de longe; o cumprimento não foi respondido. Nem podia já que Rosa estava “tomado” completamente. (Dantas, 1996, p. 99)

<sup>2</sup> Na obra rosiana, os menores detalhes são, quase sempre, fortemente carregados de significação, como adverte o próprio Riobaldo: “Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa” (Rosa, 1972, p. 234). Assim, parece lícito supor que, ao batizar seu personagem de Zequiél, forma reduzida de Ezequiel, Guimarães Rosa não o fez gratuitamente, mas se inspirou na figura do profeta-maior do Velho Testamento, que igualmente se destaca pela excentricidade. Torturado por alucinações dilacerantes e visões apocalípticas, sem falar no fato de, voluntariamente, ter-se recolhido em casa, incomunicável, durante cinco anos, Ezequiel é considerado, por alguns psicopatologistas – entre os quais se inclui Karl Jaspers –, um caso exemplar de esquizofrenia (Lang, 1981, p. 57-63). Por outro lado, o Chefe Zequiél possui, também, seu lado profético, na medida em que capta, na noite do sertão, o sinal da morte, emanado da lúgubre figura de Maria Behú, aquela que “murchara apenas antes de florir” e “não conseguira formar a beleza que lhe era destinada” (Rosa, 1969, p. 127). Maria Behú irradia uma atmosfera negativa, que cessa, ao final da novela “Buriti”, com a sua morte, favorecendo a “cura” do Chefe Zequiél.

<sup>3</sup> Na encantadora peça “Circo do miudinho” (**Ave, palavra**), Guimarães Rosa descreve poeticamente o “ser” de alguns insetos. Ao ter em mãos, por um instante, uma ruidosa cigarra que, momentos antes, salvara dos dentes de sua gata de estimação, pergunta-lhe por que gritava “tão exagerada”; a resposta – lapidar – traduz a visão-de-mundo do próprio escritor, que tem por traço característico, no plano expressivo, a ênfase: “O senhor não acha que a vida mesma é que é um exagero?” (Rosa, 1970, p. 244)

Ao se tratar das relações entre Guimarães Rosa e a Medicina, importa, finalmente, refletir sobre as circunstâncias que presidiram a morte do escritor, vitimado, ao que tudo indica, por um infarto do miocárdio fulminante, no dia 19/11/1967, ou seja, três dias depois de sua posse na Academia Brasileira de Letras. Sabe-se que, temendo não suportar a emoção, ele adiou, por quatro anos e meio, a referida posse. De acordo com Emir Rodriguez Monegal, prefaciador da edição espanhola de *Primeiras estórias*, a impressão que lhe causou Guimarães Rosa, em junho de 1966, durante um congresso do PEN Clube, realizado em Nova York, foi de alguém que estava se despedindo do mundo (Monegal, 1983, p. 60). Seu estado de espírito era tal que o acadêmico Antônio da Silva Mello, um dos precursores da Medicina Psicossomática no Brasil, procurou, em memorável ensaio, estabelecer um paralelo entre a morte do escritor mineiro e a morte pelo *voodoo*,<sup>4</sup> sempre carregada de forte sugestão e culpa – algo como a alma matando o corpo (Mello, 1968, p. 234). Acresce que Guimarães Rosa era um tabagista inveterado e, por conseguinte, candidato à morte súbita por cardiopatia isquêmica, mercê da hiperatividade simpática, da tendência à trombose coronariana e dos altos níveis sanguíneos de carboxiemoglobina resultantes do hábito de fumar. É verdade que, em dezembro de 1957, acometido por problemas respiratórios, ele escreveu para Paulo Dantas e confidenciou-lhe que estava abstêmio havia 34 dias, “desafiando a fome-e-sede tabágica das pobrezinhas das células cerebrais” (Dantas, 1975, p. 81); não obstante, na foto batida em 1966, no exato momento em que recebia do governador Israel Pinheiro a Medalha da Inconfidência, segurava um cigarro com a mão esquerda.<sup>5</sup> Somando-se ao hábito de fumar o sedentarismo, a tendência à hipertensão arterial identificada a partir de 1958 e a mente conturbada do escritor no período que antecedeu a posse na Academia, parece lícito falar numa morte anunciada. Morte essa que, de acordo com o surpreendente depoimento do dramaturgo Nelson Rodrigues, tocou seu “íntimo e inconfesso pântano”, proporcionando-lhe “um alívio, uma brusca e vil euforia”, uma vez que, enquanto vivo, Guimarães Rosa a todos “agredia e humilhava com a sua monumental presença literária”. (Rodrigues, 1993, p. 23)

---

<sup>4</sup> O fisiologista norte-americano Walter B. Cannon, que cuidou, num curioso ensaio, da questão da morte pelo *voodoo*, menciona, entre outros, o caso de um jovem congolês que, iludido por alguém, comeu galinha selvagem, contrariando recomendação explícita de um feiticeiro no sentido de evitar semelhante iguaria; quando, anos mais tarde, soube da verdade, morreu em menos de 24 horas (Cannon, 1942, p.170). No mesmo ensaio, o autor chama a atenção para o terrível impacto causado pelo chamado *bone pointing* sobre os crédulos nativos australianos: o assassino aponta um osso de canguru na direção da vítima, que experimenta uma sensação de aniquilamento, adoece e morre. (Cannon, 1942, p. 172)

<sup>5</sup> Identificado com seu criador, o personagem Riobaldo Tatarana também confessa sua dependência da nicotina: “De não pitar, me vinham uns rangidos repentinos, feito eu tivesse ira de todo o mundo”. (Rosa, 1972, p. 120)

## ABSTRACT

Guimarães Rosa was sixteen years old when he began to study at the Medical School of Belo Horizonte in 1925. The following year, in the amphitheatre of the Medical School, before the coffin of a young medical student who had died of yellow fever and in the presence of his colleagues Alysso de Abreu and Ismael de Faria, he exclaimed, "People don't die, they stay enchanted". Curiously, those same words would be repeated 41 years later, when he joined the Brazilian Academy of Letters. He graduated as a medical doctor in 1930 and, elected by his peers to speak in their name, exhorted them to adopt a medical practice based on compassion and humanism. He worked for a year and a half in Itaguara, then a district of the town of Itaúna, State of Minas Gerais. In April 1933, after a spontaneous participation in the Constitutionalist Revolution, he joined the 9<sup>th</sup> Infantry Battalion, headquartered in Barbacena. In mid 1934, he decided to give up medicine and, after passing a difficult examination, he left Barbacena and entered the Ministry of Foreign Affairs. Despite embracing the diplomatic career, he brilliantly dealt with medical themes in his literary work, such as malaria ("Sara-palha"), mental disease ("Soroco, sua mãe, sua filha"), snake bite ("Bicho mau") and myopia ("Campo geral"). As an extremely sensitive person who smoked heavily and lived a sedentary life, he had a heart attack and died suddenly on November 19, 1967, three days after he had formally joined the Academy. Truly, ten years before, in a letter to Paulo Dantas, he had admitted having quit smoking, but when he received from governor Israel Pinheiro the *Medalha da Inconfidência* in 1966, he had a cigarette in his left hand.

**Keywords:** Medicine; Humanism; Psychopathology; Smoking; Guimarães Rosa.

## Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JR., Davi. Guimarães Rosa e Góngora: metáforas. In: \_\_\_\_\_. *Achados e perdidos: ensaios de crítica*. São Paulo: Polis, 1979. p. 131-137.
- BECKER, Ernest. O que a psicanálise realizou até agora. In: \_\_\_\_\_. *A negação da morte*. Trad. Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. Cap. 9, p. 205-238.
- CANNON, Walter Bradford. "Voodoo" death. *American Anthropologist*. Arlington, VA: American Anthropological Association, v. 44, n. 2, p. 169-181, Abr./Jun., 1942.
- COUTINHO, Antônio Augusto de Lima. Inexplicável trajeto de uma bala. In: \_\_\_\_\_. *A messe de um decênio*. Itaúna, 1932. p. 126-134.
- DANTAS, Paulo. Cartas de J. Guimarães Rosa. In: \_\_\_\_\_. *Sagarana emotiva*. São Paulo: Duas Cidades, 1975. p. 51-114.
- DANTAS, Paulo. Humor negro e depressivo no Itamarati. In: \_\_\_\_\_. *Através dos sertões*. São Paulo: Massao Ohno, 1996. p. 99-101.

LANG, Bernhard. Der kranke Prophet. In: \_\_\_\_\_. **Ezechiel: Der Prophet und das Buch.** Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981. Cap. 3, p. 57-76.

MELLO, Antônio da Silva. A morte de Guimarães Rosa. **Ocidente**, Lisboa, v. 75, p. 226-238, 1968.

MONEGAL, Emir Rodriguez. Em busca de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). **Guimarães Rosa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: INL, 1983 (Coleção Fortuna Crítica, v. 6).

PALMÉRIO, Mário de Ascensão. Errância através do mundo roseano. In: PROENÇA, Ivan Cavalcanti (Org.). **Mário Palmério: seleta.** Rio de Janeiro: J. Olympio/Brasília: INL, 1973.

RODRIGUES, Nelson. Reze menos por mim. In: \_\_\_\_\_. **O óbvio ululante: primeiras confissões.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 21-24.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias.** 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

ROSA, João Guimarães. **Noites do sertão.** 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.